



Comunicação Oral

A ATUAÇÃO MASCULINA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS: O ESTADO DA ARTE¹

Adriana Horta de FARIA (UFGD/FUNDECT)²

Magda SARAT(UFDG/FUNDECT)³

RESUMO: O objetivo desse artigo é apresentar um mapeamento dos estudos de gênero na educação, que possuem com foco a análise da docência masculina com crianças. Utilizamos como base para a análise a produção acadêmica *stricto sensu*, divulgada on-line pelo Banco de Teses e Dissertações da CAPES, site da SCIELO e trabalhos da ANPED, no período de 2011 – 2016. A educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, etapas da educação caracterizadas pela presença de crianças, são marcados pela predominância de mulheres atuando com as crianças e a presença de homens neste ambiente é escassa e esse fato serviu como justificativa para as pesquisas analisadas. Os trabalhos focados na educação infantil constituem a maioria, dos 19 estudos selecionados, 14 tratam especialmente sobre a primeira etapa da escolarização básica, outros 3 tratam sobre os anos iniciais e 2 consideram em suas pesquisas a atuação masculina tanto na educação infantil quanto nos anos iniciais. As reflexões explicitadas nos trabalhos analisados nos permite perceber a educação em sua complexidade, evidenciando além dos desafios, as possibilidades concretas que o espaço escolar tem de contribuir para com a superação das desigualdades culturais de gênero.

PALAVRAS- CHAVE: Professores Homens. Educação Infantil. Anos Iniciais.

¹ Esse trabalho conta com o apoio financeiro da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação, pela Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Integrante do Grupo de Pesquisa “Educação e Processo Civilizador” (GPEPC). Bolsista Capes. E-mail: adrianahortadefariafaria@yahoo.com.br.

³Professora Associada da Faculdade de Educação na Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Docente e Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa “Educação e Processo Civilizador”. Coordena projetos financiados pela FUNDECT/CAPES.Email: magdaoliveira@ufgd.edu.br



Introdução

Buscamos com esse trabalho mapear estudos que corroboram-se em relacionar as questões de gênero na educação, tendo como foco a atuação de homens como professores de crianças. Primeiramente iremos examinar sobre os papéis impostos pela sociedade a cada gênero e como isso reflete na educação, abordaremos os aspectos históricos que influenciaram a saída dos homens e a entrada das mulheres no magistério. Em seguida discorreremos como os estudos de gênero se expandiram e incluem hoje as análises sobre as masculinidades, partindo dessas reflexões teóricas apresentaremos o mapeamento e as análises dos trabalhos encontrados sobre o tema, utilizamos o ano de 2011 para iniciar a pesquisa percorrendo até 2016.

Trata-se portanto de uma pesquisa bibliográfica “[...] conhecidas pela denominação ‘estado da arte’ ou ‘estado do conhecimento’. [...] são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar” (FERREIRA, 2002, p. 258). Esse modelo de investigação permite analisar o que já foi produzido sobre determinado assunto, viabilizando melhoria e desenvolvimento de novos postulados, conceitos e paradigmas, bem como verificar as lacunas existentes oferecendo assim novas possibilidades de estudo.

Assim, localizar os estudos, o primeiro passo foi rastrear no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, utilizamos como descritores as palavras: homens professores, docência masculina, infância, criança, educação infantil, anos iniciais e gênero, selecionamos 16 trabalhos para a análise, todos se tratam de dissertações de mestrado. Em seguida fizemos o levantamento no site da SCIELO, usando os mesmos descritores da pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, localizamos 2 artigos, por fim, pesquisamos nas 35ª, 36ª e 37ª Reuniões da ANPED nacional, obtivemos um resultado.



As relações de gênero são resultado de um processo pedagógico que se inicia no nascimento e segue ao longo de toda a vida. Na nossa sociedade este processo vem reforçando a desigualdade existente entre homens e mulheres, principalmente em torno da sexualidade, da reprodução, da divisão sexual do trabalho e o âmbito público/cidadania.

O papel atribuído ao homem e a mulher, impõe a função de cada indivíduo na sociedade. Essas relações acabam por fazer com que se idealize o que é habitual a um homem praticar ou até mesmo o que não é natural da mulher realizar. Entretanto, a desigualdade entre homem e mulher é construída socialmente e não se dá através da diferença biológica de cada um, ou seja, é algo construído sócio e culturalmente.

Neste encadeamento estão envolvidas as relações de gênero que são históricas e socialmente produzidas, contribuindo para engendrar práticas masculinizantes e feminilizantes, estabelecidas conforme as concepções de cada sociedade. Assim, podemos afirmar que a sociedade constrói papéis ou representações sociais.

Partindo dessa premissa, é possível utilizar gênero como uma categoria de análise dos comportamentos humanos. O debate sobre este tema tem-se concentrado em diversos movimentos que levantam as variadas possibilidades de interpretação sobre como a sociedade conduz e impõe as relações de gênero, seja como um debate em torno da relação e distribuição de poder, ou como a questão da participação na vida política e no mercado de trabalho.

Na educação, estudos apontam que a representação social vigente é de que as mulheres são consideradas aptas para exercer a profissão docente com crianças, pois possuem características consideradas femininas, como vocação, paciência e habilidade, essenciais para lidar com os pequenos. Os homens por sua vez são considerados inapropriados pois são “sem jeito” e “brutos”, para muitos oferecem perigo a integridade física das crianças (GONÇALVES; FARIA, 2014, p. 290).



Mas, nem sempre foi assim, na história da educação e da profissão docente, a bibliografia nos informa que inicialmente, no Brasil, somente homens atuavam como professores. Posteriormente, em decorrência de transformações sociais, especialmente nos séculos XIX e XX, as mulheres começaram a participar de forma ativa em seus grupos sociais (além dos limites do lar) e a ocupar alguns postos que anteriormente eram exclusivos dos homens. A profissão docente foi um das primeiras e principais ocupações da mulher nesse período (LOURO 2012; GONÇALVES, 2009).

Contudo, essa conquista não aconteceu sem turbulência. Muitos consideravam que as mulheres eram inferiores biológica e intelectualmente em relação ao homem, não sendo capazes de assumir alguma posição pública na sociedade. Em oposição, os que advogavam em favor da permanência das mulheres professoras, usavam o argumento do instinto maternal, considerando como nato o papel de educadora e cuidadora.

A feminização do magistério em meados do século XIX se destaca com a criação das escolas “mistas” regidas por professoras no final do Império, isso provocou aumento significativo do contrato de mulheres. Houve também a implementação dos grupos escolares, na primeira década do século XX, onde o corpo docente, neste momento, já era predominantemente feminino (TANURI, 2000).

Para Louro (2012), a inserção das mulheres como professoras no mercado de trabalho passou a ser vista como uma extensão da maternidade: Afirmavam que as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas são as primeiras e “naturais educadoras”. Portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, uma “extensão da maternidade”, cada aluno ou aluna vistos como filho ou filha “espiritual”. (LOURO, 2012, p. 450).

A atuação das mulheres no magistério compuseram grande parte da produção brasileira vinculada aos estudos de gênero na educação nos últimos anos. Em uma



busca na Rede Internacional de Computadores (Internet), no site da GOOGLE Acadêmico com o descritor mulheres e magistério é possível localizar 16.200 páginas relacionadas ao tema. As pesquisas de maneira geral abordam a relação da mulher com a educação em seus aspectos históricos, sociais, de identidade e a dicotomia do cuidar e educar as crianças.

Porém, atualmente as pesquisas que envolvem gênero como categoria de análise na educação têm se voltado para o caráter relacional, compreendendo as relações entre mulheres e homens e também no entrecruzamento de outras categorias, como classe social, religião, etnia, nacionalidade e geração (LOURO, 1997; FELIPE, 1998).

Nessa perspectiva, os estudos de gênero se expandiram e incluem também a discussão em torno da construção das masculinidades, questionando de que forma elas têm sido colocadas em discurso, como indica os trabalhos de Connell (1987) precursor dos estudos sobre as masculinidades, que, tendo posições pró-feministas, defende que é preciso investir na produção de conhecimento sobre masculinidade, também como ferramenta que permitirá criar melhores condições para enfrentar as injustiças que permeiam as relações de gênero. Partindo dessa concepção, a masculinidades na docência atuante com crianças passa a ser foco de estudo.

Os estudos sobre homens atuantes na educação escolar de crianças

Em 2013 na edição 1 do volume 1 da Horizontes – Revista de Educação, vinculada a Universidade Federal da Grande Dourados, foi publicado o artigo das autoras Bianca Camacho de Almeida Böhm e Míria Izabel Campos intitulado “Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica”, as autoras encontraram 16 trabalhos publicados na internet em banco de dados, anais de eventos e banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), entre 1993 – 2011.





Böhm e Campos (2013) rastrearam 3 teses, 2 dissertações, 10 artigos e 1 resumo de iniciação científica. A conclusão das autoras apontou são poucos os estudos que analisam as relações entre gêneros, masculinidades, docência e crianças, e que a representação social de que a mulher é mais apropriada para educar as crianças e a desvalorização salarial contribuíram para o afastamento/presença de homens atuando nessa etapa da educação. Outra característica destacada foi a presença majoritária de mulheres estudando sobre masculinidades.

Buscado atualizar o estado da arte a respeito de homens atuando como professores de crianças, partiremos da data final apresentada por Böhm e Campos (2013), ou seja 2011 e percorreremos até 2016, ano em que esse material foi produzido. Selecionamos para a nossa busca o que foi produzido pela pós graduação *strictosensue* publicado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, o site da Scielo e a ANPED Nacional,

O Banco de Teses e Dissertações da CAPES é um portal disponibilizado pelo governo federal que tem como objetivo “Facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país” (BRASIL, 2016). Utilizamos como descritores as palavras: homens professores, docência masculina, infância, criança, educação infantil, anos iniciais e gênero, encontramos 23 trabalhos, desses 7 datavam anteriores a 2011, portanto 16 trabalhos foram selecionados para a análise, todos se tratam de dissertações de mestrado.

Em seguida fizemos o levantamento no site da Scielo, o *Scientific Electronic Library Online* é um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revistas na Internet . Usando os mesmos descritores da pesquisa no Banco de Teses e Dissertações da CAPES localizamos 2 artigos.

Por fim, pesquisamos na Web página da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), o objetivo da instituição é fortalecer e promover o desenvolvimento do ensino de pós-graduação e da pesquisa em educação. Pesquisamos os trabalhos aprovados nas 35^a (2012), 36^a (2013) e 37^a



(2015) reuniões, no GT 03, Educação de Crianças de 0-6 anos, e GT 23, Gênero, Sexualidade e Educação, obtemos um resultado na 36ª reunião realizada em Goiânia/GO no ano de 2013. Assim totalizamos 19 trabalhos relacionados a atuação de homens na educação de crianças. Para uma melhor visualização dos estudos encontrados elaboramos o quadro abaixo:



AUTORIA	TÍTULO	TIPO DE PUBLICAÇÃO	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	ANO
RAMOS, Joaquim.	Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte – MG	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2011
FONSECA, Thomaz Spartacus Martins.	Quem é o professor homem dos anos iniciais? Discursos, representações e relações de gênero.	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2011
SOUSA, José Edilmar De	Por acaso existem homens professores de educação infantil?: dois estudos de caso em representações sociais	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2011
ROSA, Fabio José da Paz	O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e educação infantil.	Dissertação de Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação.	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2012
ALVES, Benedita Francisca.	A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil: uma questão de gênero?	Dissertação de Mestrado em Psicologia	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2012
PEREIRA, Maria Arlete Bastos	Professor-homem na Educação Infantil : a construção de uma identidade.	Dissertação de Mestrado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2012



**II SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO
ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA - NECESSIDADES
FORMATIVAS NAS/DAS LICENCIATURAS**
Dourados-MS, de 12 a 14 de junho de 2017.

NUNES, PatriciaGouvea	Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2013
RABELO, Amanda Oliveira.	Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental.	Artigo	Scielo	2013
MONTEIRO, Mariana Kubilius;	Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil	Artigo	ANPED	2013
ALTMANN, Helena	Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação.	Artigo	Scielo	2014
MONTEIRO, Mariana Kubilius	Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil.	Dissertação de Mestrado em Educação Física	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2014
CASTRO, Fernanda Francielle De.	O giz cor-de rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente a feminização do magistério	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2014
GOMIDES, Wagner Luiz Tavares.	Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil'	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2014
CARRE, Josiane	Professores homens: por uma ressignificação da docência nos anos iniciais do ensino fundamental.	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2014



GEPPEF

Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas
Educaionais e Formação de Professores



Caroline Machado.				
SILVA, Peterson Rigato Da	Não sou pai, nem tio, sou professor! A docência masculina na educação infantil.	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2014
HENTGES, Karine Jacques	Homens na educação infantil: o que pensam as diretoras sobre isso?	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2015
SILVA, Bruno Leonardo Bezerra Da	A presença de homens docentes na educação infantil: lugares (des)ocupados	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2015
TEODORO, Luciano Goncalves.	O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista	Dissertação de Mestrado em Educação	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2015
CARVALHO, Ana Marcia De Oliveira.	Vozes masculinas no cotidiano escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schütz.	Dissertação de Mestrado Profissional em Educação Sexual	Banco de Teses e Dissertações da CAPES	2015

Fonte: autoras, 2017.



A Utilização de Gênero/Masculinidades Como Categoria de Análise

As pesquisas acima citadas utilizaram as relações de gênero para análise, em concordância com o conceito elaborado por Scott:

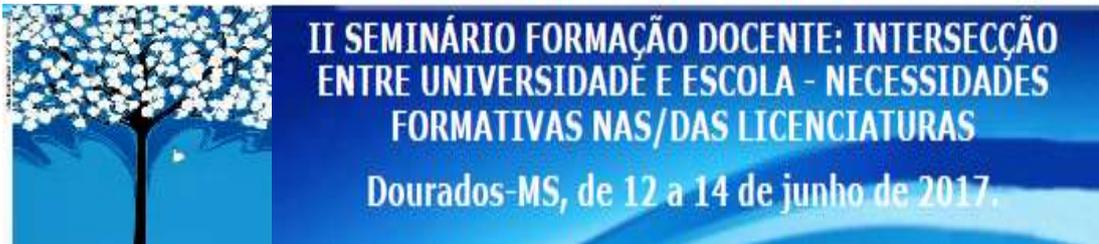
Gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar; ela é, antes, uma estrutura social móvel que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15).

Nesta perspectiva, compreende-se por sexo a diferença biológica existente entre homem e mulher, enquanto gênero, por outro lado, é uma construção social e histórica que fundamenta a distinção e a relação entre o feminino e o masculino. Gonçalves (2009, p. 26) relata que “[...] o sexo se refere às diferenças biológicas de homens e mulheres, enquanto que gênero é um construto social relacionado à forma como historicamente os grupos sociais foram criando e efetivando os padrões de comportamentos para ambos os sexos”.

Partindo dessa concepção podemos utilizar gênero como categoria de análise, o que nos permite estudar também as masculinidades, os trabalhos de Alves (2012), Hentges (2015), Rosa (2012), Monteiro (2014), Fonseca (2011), Alves (2012), Castro (2014), Gomides (2014), Nunes (2013), Carre (2014), Carvalho (2015) se utilizaram dessa primícia.

Segundo Santos (2007), os estudos sobre masculinidade, afirma que a maior preocupação tem se voltado para a compreensão de como se constroem socialmente as representações sobre o masculino. Reconhece que, do ponto de vista social e político, não existe uma ideologia masculina linear e semelhante em todo o mundo, já que existe uma variedade etnográfica e cultural muito grande que resulta em vários tipos de ideologias masculinas. Diante deste contexto, o autor enfatiza que, na atualidade, os estudos sobre a condição masculina tratam não da masculinidade no singular, mas sim de “masculinidades”, no plural.





Homens Atuando Como Professores de Crianças na Educação Infantil e nos Anos Iniciais

A educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental são marcados pela predominância de mulheres atuando com as crianças e a presença de homens neste ambiente é escassa e esse fato justificou as pesquisas analisadas. Os trabalhos focados na educação infantil constituem a maioria, dos 19 estudos selecionados, 14 (RAMOS, 2011; MONTEIRO, 2013, 2014; ALVES, 2012; HENTGES, 2015; SOUZA, 2011; SILVA, 2015; PEREIRA, 2012; GOMIDES, 2014; NUNES, 2013; TEODORO, 2015; SILVA, 2014; CARVALHO, 2015) tratam especialmente sobre a primeira etapa da escolarização básica, outros 3 (FONSECA, 2011; CARRE, 2014; RABELO, 2014) tratam sobre os anos iniciais e 2 (CASTRO, 2014; ROSA, 2012) consideram em suas pesquisas a atuação masculina tanto na educação infantil quanto nos anos iniciais.

Os trabalhos que focam na educação infantil tratam da especificidade dessa etapa escolar, o binômio educar/cuidar. O cuidado e a educação de crianças tem sido habitualmente, em nossa cultura, imputado às mulheres. (SAYÃO, 2005). Em decorrência disto, pode-se afirmar que a maioria dos docentes nesta faixa de ensino são mulheres, fato citado em todos os estudos analisados. Um dos principais argumentos que a sociedade usa em favor da permanência das mulheres professoras é o instinto maternal, considerando como nato o papel de educadora.

Alguns dos estudos analisados analisam essa representação social, por exemplo Alves (2012, p. 98) que afirma: “Há um recorrente pensamento estereotipado de que, no ambiente escolar, o ser mulher é o único que pode exercer adequadamente à docência para ensinar crianças pequenas porque possui habilidade, carinho e espírito maternal para cuidar, características ausentes do ser homem.” Corroborando com esse pensamento Gomides (2014) afirma em suas considerações que muitos homens não se sentem pertencentes ao espaço da educação infantil. Ainda nesse sentido, Castro (2014) estudando a educação infantil e também os anos iniciais do



ensino fundamental, analisou entrevistas de 22 indivíduos, e declara que existe preconceito e estigma a presença de homens atuando como professores de crianças.

Arce (2001), em seus estudos, afirma que existe um mito em relação a este papel congênito de educadora atribuído às mulheres, ao manifesta a ideia de que:

Trabalhando com esta acepção de mito, constatei, mediante estudos, que a constituição história da imagem do profissional da educação infantil tem estado fortemente impregnada do mito da maternidade, da mulher como a rainha do lar, educadora nata, cujo papel educativo associa-se necessariamente ao ambiente doméstico, sendo assim, particularmente importante nos primeiros anos da infância. O início da educação de todo indivíduo deveria, assim, ser uma extensão natural da maternidade. Cumpre, entretanto destacar que este mito da mulher mãe e educadora nata exercem seu maior poder orientador no período relativo aos anos iniciais da vida do indivíduo, não sendo atribuída a mulher a responsabilidade sobre a educação em geral (ARCE, 2001, p. 4).

Assim, a concepção que a mulher é a melhor educadora para crianças pequenas foi absorvido pela sociedade. Trata-se de representações sociais que contribuíram para o afastamento dos homens do magistério e para aumento da participação feminina no ambiente escolar.

Uma questão levantada nos trabalhos é o cuidado físico indispensável na educação de crianças pequenas, termos como “homem perigoso” (SILVA, 2015), “homens como inapropriados para trabalhar na educação infantil pelos inúmeros casos de pedofilia vinculados pela mídia” (SOUZA, 2011), possível “abusador” (SILVA, 2014), percorrem os estudos, Monteiro e Altamann (2014) afirmam que esses indivíduos trabalham sob constante suspeita, Hentges (2015) declara “há um grande medo do abuso sexual”.

Nesse sentido, Ramos (2011) afirma que o cuidado físico executado por parte dos educadores/cuidadores homens representa, para os pais, uma ameaça à integridade física da criança e que a mesma representação não é atribuída aos profissionais do sexo feminino:

Eles explicitam que, nas ações do cuidar, há restrição apenas para os homens, pois as professoras não representam nenhum tipo de ameaça para as crianças na medida em que trazem consigo a vocação para a maternidade





e elas são, por natureza quem protege e cuida dos filhos com desvelo e são incapazes de cometer maldade contra crianças. (RAMOS, 2011, p. 107).

O cuidado é visto como afirma Sayão como um “fantasma”, ou seja, uma coisa que perturba. Especificamente na educação infantil é uma prática indissociável o educar e o cuidar, contudo, quando se fala de homens sua atuação é muitas vezes restrita, não sendo permitida, ou por vezes negada. O receio da pedofilia fica explícito quando se trata do toque físico de homens com crianças. A autora sublinha que “[...] continuar negando que há uma dimensão que é corporal na educação dos/as pequeninhos/as significa negar a totalidade do humano e reiterar a velha dicotomia corpo e mente. Esta, sim, constitutiva de uma visão de mundo e de homem/mulher reducionista e binária” (SAYÃO, 2005, p. 154).

O professor da educação infantil deve buscar situações significativas de aprendizagem, para alcançar o desenvolvimento de habilidades cognitivas, psicomotoras e sócioafetivas, para Craidy e Kaercher:

A dicotomia, muitas vezes vividas entre cuidar e o educar deve começar a ser desmistificada. Todos os momentos podem ser pedagógicos e de cuidados no trabalho com crianças de 0 a 5 anos. Tudo dependerá da forma como se pensam e se procedem as ações. Ao promovê-las proporcionamos cuidados básicos ao mesmo tempo em que atentamos para a construção da autonomia, dos conceitos, das habilidades, do conhecimento físico e social (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 70).

Kramer (2005) conclui em seus estudos que não é possível educar sem cuidar. Assim, situações que ocorrem diariamente na rotina das crianças que frequentam a educação infantil, como tomar banho, troca de roupas ou mesmo fraldas, por exemplo, poderão se transformar num momento educativo e lúdico à medida que o adulto interage com a criança, gerando aprendizado e desenvolvimento.

Entretanto, homens que atuam na educação infantil precisam comprovar sua capacidade de educar crianças, segundo a pesquisa de Carvalho (2015) todos os anos os professores do sexo masculino enfrentam um período que tem que provar sua capacidade para executar as tarefas comuns ao exercício da profissão na educação



infantil é o que Ramos (2011, p.128) denomina de “período comprobatório”, o autor explica seu conceito da seguinte forma: “Durante um tempo, esses docentes precisaram provar que possuíam as habilidades necessárias para educar essas crianças pequenas e cuidar delas com competência, sem machucá-las ou violentá-las sexualmente”.

Os trabalhos que enfatizam os primeiros anos do ensino fundamental também enfatizam a aspectos relacionados ao controle dos corpos, é o que fica explícito na dissertação de Thomaz Spartacus Martins Fonseca (2011), embasado nas concepções de Michael Foucault o autor versa:

Na sua inserção nos anos iniciais, e, provavelmente para melhor aceitação de sua presença, o professor acaba desenvolvendo comportamentos buscando a disciplinarização e vigilância de seus corpos, objetivando não se enquadrar em discursos que aproximem sua presença nos anos iniciais do enquadramento da pedofilia, por exemplo. Sentar com as pernas voltadas sempre para baixo da mesa, abaixar-se ao abraçar uma criança, ou mesmo nunca abraçar seus alunos são atitudes que podem constituir-se em dispositivos criados por professores homens para não se enquadrarem nestes discursos e comprovar a sua competência (p.125).

Na mesma vertente Rabelo (2014) afirma que homens atuando na educação enfrentam discriminações, mas “mesmo sofrendo preconceitos, porém, muitos se aproveitam das vantagens da masculinidade na sociedade” (p. 01), é o que a autora chama de “discriminação positiva”.

Dois trabalhos, “Professores homens: por uma resignificação da docência nos anos iniciais do ensino fundamental” de Josiane Caroline Machado Carre (2014) e “O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista” de Luciano Gonçalves Teodoro (2015) apresentaram aspectos positivos na fala de seus entrevistados. Carre (2014) colheu depoimentos de cinco professores formados pela Universidade Federal de Santa Maria e esses afirmaram que “sentiram-se satisfeitos por estarem junto aos alunos/as [...], não manifestaram a vontade de desistir do curso ou da profissão”. De maneira semelhante



o estudo de Teodoro (2015) considerou que os professores (5 entrevistados) não enfrentaram dificuldades em atuar em um ambiente predominantemente feminino.

É nessa direção que Teixeira (2001, p. 201), aborda essencialmente a profissão docente, considerando a possibilidade de ser “espaço de realização gerador de felicidade”, considerando a natureza do trabalho educacional, as recompensas pessoais e as relações interpessoais como fatores que contribuem para a satisfação dos professores. A profissão docente não traz só dificuldades, dissabores e angústias; pode também ser portadora de auto-realização, alegria, prazer e paixão.

Considerações Finais

O exame realizado nesta revisão, contemplando a atuação masculina na docência com crianças, nos permite destacar que os estudos que utilizam gênero como categoria de análise, sugerem que a masculinidade e a feminilidade podem ser entendidas como construções sociais que variam de acordo com o espaço (uma cultura para outra), com o tempo (numa mesma cultura, através do tempo), ao longo da vida de cada pessoa e na relação entre diferentes grupos de homens de acordo com a sua classe, a sua raça, o seu grupo etário e étnico.

Na busca de se compreender/analisar tal problemática, os pesquisadores corroboram para se refletir acerca de gênero e educação. Destaca-se que essas reflexões percebem a educação em sua complexidade, evidenciando além dos desafios, as possibilidades concretas que o espaço escolar tem de contribuir para com a superação das desigualdades culturais de gênero.

Os estudos citados contribuem para a discussão e (re) significação de alguns conceitos que permearam e permeiam as práticas sociais, relacionais e educacionais, visto permitir refletir na forma como os professores do sexo masculino receberam as tradições de uma profissão majoritariamente ocupada por mulheres e de que forma eles lidaram com a identidade profissional criada pela sociedade.



Observamos uma lacuna nos estudos, a relação entre as memórias, dos sujeitos do sexo masculino que atuaram na educação, em especial considerando um período peculiar da história do Estado de Mato Grosso do Sul, não têm sido temas centrais de reflexão.

REFERÊNCIAS

ALVES, B. F. **A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil: uma questão de gênero?** 01/12/2012 119 f. Mestrado em PSICOLOGIA. UNIVERSIDADE DE FORTALEZA.

ARCE, A. Documentação oficial e o mito da educadora nata na educação infantil. **Cadernos de pesquisa**, n. 113, jul. 2001, p. 167-184.

BÖHM, B. C de, A; CAMPOS, M. I. Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados -MS, n. 1, v. 1, p. 59-72, jan./jul 2013.

BRASIL. Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Brasília. 2016. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses>. Acesso em 20 dez 2016.

CARRE, J. C. M. **Professores Homens: Por uma Ressignificação da Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental**' 25/04/2014 140 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.

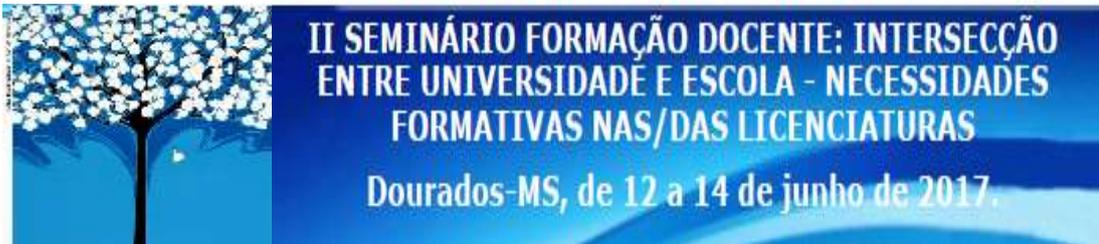
CARVALHO, A. M. de O. **Vozes Masculinas no Cotidiano Escolar: desvelando relações de gênero na Educação Infantil sob a perspectiva fenomenológica de Alfred Schutz**' 29/09/2015 148 f. Mestrado Profissional em EDUCAÇÃO SEXUAL. UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ARARAQUARA, Araraquara

CASTRO, F. F, de. **O giz cor-de rosa e as questões de gênero: os desafios de professores frente a feminização do magistério**' 18/09/2014 131 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO.

CONNELL, R. **Políticas da masculinidade**. Educação e Realidade 20 (5): p. 185-206, jul./dez. 1995.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. S. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.





FELIPE, J. Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações. In: MEYER, Dagmar (org.). **Saúde e sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

FERREIRA, N. S, de A. As Pesquisas Denominadas “Estado Da Arte”. **Educação & Sociedade**. São Paulo, ano XXIII, n. 79, p. 257-272, Agosto/2002.

FONSECA, T. S. M. **Quem é o Professor Homem dos Anos Iniciais? Discursos, Representações e Relações De Gênero'** 01/03/2011 142 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA.

GOMIDES, W. L. T. **Transitando na fronteira: a inserção de homens na docência da educação infantil'** 18/07/2014 79 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA.

GONÇALVES, J. P. **O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério**. 2009. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUC/RS, Porto Alegre, 2009.

GONÇALVES, J. P; FARIA, A. H.O que dizem as famílias sobre homens professores trabalhando com crianças de 0 a 3 anos? Análise de suas representações sociais. In.: FERREIRA, G. B (Org.) **Pesquisa(s) em educação**: múltiplos olhares. Curitiba, PR. CRV, 2014, p.281-293.

HENTGES, K. J. **Homens na Educação Infantil: O Que Pensam as Diretoras Sobre Isso?'** 14/05/2015 90 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS,

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Mulheres na Sala de Aula. In: PRIORE. M. D.; PINSK. B. C. (Orgs.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p.441-481.

KRAMER, S. **A política do pré-escolar no Brasil**: a arte do disfarce. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1995.



MONTEIRO, M. K. **Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil**' 13/02/2014 undefined f. Mestrado em EDUCAÇÃO FÍSICA. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

MONTEIRO, M. K; ALTMANN, H. **Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação.** *Cad. Pesqui.*, Set 2014, vol.44, no.153, p.720-741. ISSN 0100-1574

NUNES, P. G. **Docência e gênero: um estudo sobre o professor homem na educação infantil da rede municipal de ensino de Rio Verde (GO)**' 22/08/2013 126 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS.

PEREIRA, M. A. B. **Professor-homem na Educação Infantil : a construção de uma identidade**' 01/09/2012 160 f. Mestrado em EDUCAÇÃO E SAÚDE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO.
RABELO, A. O. **Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental.** *Educ. Pesqui.*, Dez 2013, vol.39, no.4, p.907-925. ISSN 1517-9702

RAMOS, J. **Um Estudo Sobre os Professores Homens da Educação Infantil e as Relações de Gênero na Rede Municipal de Belo Horizonte – M.G**' 01/05/2011 139 f. Mestrado em EDUCAÇÃO . PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS.

ROSA, F. J, da P. **O dispositivo da sexualidade enquanto enunciador do professor-homem no magistério das séries iniciais e educação infantil**' 01/07/2012 99 f. Mestrado em EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO. UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

SANTOS, W. T. M. Modelos de masculinidade na percepção de jovens homens de baixa renda. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 27,p. 130- 157, jul./dez. 2007.

SAYÃO, D. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche.** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, jul./dez. 1998, p. 71-99.



GEPPEF

Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas
Educativas e Formação de Professores



SILVA, B. L. B, da. **A Presença de Homens Docentes na Educação Infantil: Lugares (Des)Ocupados'** 28/07/2015 107 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE.

SILVA, P. R, da. **Não sou pai, nem tio, sou professor! A docência masculina na educação infantil'** 22/07/2014 180 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.

SOUSA, J. E, de. **Por Acaso Existem Homens Professores de Educação Infantil?: Dois Estudos de Caso em Representações Sociais'** 01/12/2011 208 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

TANURI, L. M. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas: n.14, p. 61-88, mai./jun./jul./ago, 2000.

TEIXEIRA, O. P. B. **Didática e Prática de Ensino na licenciatura:** que conteúdo. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Goiânia: UFG/UCG, 2001. p.35.

TEODORO, L. G. **O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista'** 31/08/2015 122 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. CENTRO UNIVERSITÁRIO MOURA LACERDA, Ribeirão Preto.



GEPPEF

Grupo de Estudos e Pesquisa Políticas
Educativas e Formação de Professores